

## TRADUZINDO O INTRADUZÍVEL: A TRADUÇÃO DE *CASA-GRANDE* E *SENZALA* EM ITALIANO

### TRANSLATING THE UNTRANSLATABLE: THE TRANSLATION OF *CASA-GRANDE* AND *SENZALA* TO ITALIAN

Anderson Bertoldi<sup>1</sup>  
abertoldi@unisinis.br

**Resumo:** Este artigo apresenta uma reflexão sobre os problemas de tradução relacionados aos marcadores culturais. Foram selecionados, para este estudo, os termos *casa-grande* e *senzala*, presentes na obra *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre, os quais foram comparados com sua tradução para o italiano, de Alberto Pescetto. A metodologia deste trabalho seguiu os princípios da Linguística de *Corpus*. Os textos em português e em italiano foram digitalizados, e as linhas de concordância em que os termos apareceram ao longo do texto, em português, foram alinhadas às linhas de concordância correspondentes no texto em italiano. Os resultados observados a partir deste estudo sugerem que os marcadores culturais, apesar de apresentarem um problema de tradução de natureza extralinguística, ou seja, um problema de origem conceitual causado por diferenças entre a cultura da língua-fonte e a cultura da língua-alvo, não implicam, necessariamente, a não tradução.

**Palavras-chave:** Marcadores culturais. Problemas de tradução. Linguística de *Corpus*.

**Abstract:** The present paper contemplates the issues that may arise from the translation of culture-bound terms. For the sake of this analysis, there have been chosen two specifically Brazilian historical terms from Gilberto Freyre's *magnum opus Casa-Grande & Senzala: casa-grande* (big house) and *senzala* (slave quarters), which were then investigated in contrast to Alberto Pescetto's Italian translation of these elements. The methodological framework applied is based on the dictates of Corpus Linguistics. Both source text and translated version have been digitized and the term concordances were aligned in a parallel corpus. Results show that culture-bound terms, although posing an extralinguistic problem (that is, a problem of conceptual nature arising from intercultural differences between the source language and the target language), are not an insurmountable obstacle to translation.

**Keywords:** Culture-bound terms. Translation problems. Corpus Linguistics.

## 1 Introdução

A relação entre língua e cultura tem desafiado filósofos e antropólogos desde o fim do século XIX. No início do século XX, as pesquisas dos antropólogos Edward Sapir e Benjamin Lee Whorf deram origem à tese conhecida como *relativismo linguístico*. A tradução chegou, inclusive, a ser apresentada como uma prova contrária a essa tese: se realmente as línguas

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística Aplicada e professor Assistente da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinis).

definissem a forma como cada cultura categoriza o mundo, a tradução não seria possível<sup>2</sup>. No campo da tradução, o papel da cultura ganha maior relevância, conforme Palumbo (2009), a partir da virada cultural dos estudos de tradução, especialmente motivada por estudiosos da tradução como Susan Bassnett e André Lefevere (BASSNETT; LEFEVERE, 1990), além de Mary Snell-Hornby (SNELL-HORNBY, 1988)<sup>3</sup>.

Os estudiosos associados à virada cultural, também conhecida como abordagem cultural (MARINETTI, 2011), apresentam uma crítica contundente ao formalismo que caracteriza a abordagem linguística dos estudos de tradução (MALMKAJAER, 2011). Os trabalhos de orientação linguística buscavam o reconhecimento da tradução como ciência, deixando em segundo plano o seu caráter artístico, como se pode verificar nas palavras de Vinay e Dalbernet (1995 [1958], p. 7):<sup>4</sup> “Nós acreditamos que seja um grande desserviço para a tradução se, sumariamente, a colocarmos entre as artes – talvez como a oitava arte. Se assim o fizéssemos, estaríamos negando à tradução uma de suas propriedades intrínsecas, a saber: seu lugar na linguística [...]”<sup>5</sup>. Também integram a abordagem linguística os trabalhos de Nida (1964), Catford (1978 [1965]), Nida e Tauber (1969) e Larson (1998 [1984]).

A partir dessa mudança paradigmática, a noção de equivalência, muito explorada pelos autores da vertente linguística, cede espaço para o estudo do texto. Assim, os estudiosos da tradução passam a investigar os processos de reescrita e de manipulação (HERMANS, 2014 [1985]; LEVEFERE, 1992) do texto literário, levando em consideração as relações de poder que se estabelecem entre a obra literária, o tradutor e o mercado editorial. Os conceitos de *fidelidade e tradução literal*, intimamente ligados à noção de equivalência, são contestados, abrindo-se espaço para a concepção de tradução como reescrita. Até mesmo a distinção entre tradução especializada e tradução literária é contestada (SNELL-HORNBY, 1988). A partir da década de 1990, temas como a invisibilidade do tradutor (VENUTI, 1995), a formação das identidades culturais pela tradução (VENUTI, 1998) e a agentividade política dos tradutores (TYMOCZKO, 2014 [2007]) vão afastando os estudos de tradução da linguística e aproximando-os aos estudos culturais. (BASSNETT; LEFEVERE, 1992).

---

<sup>2</sup> Para uma discussão abrangente sobre a tradução e as versões forte e fraca do relativismo linguístico, ver Swanson (1961).

<sup>3</sup> Uma revisão aprofundada sobre a virada cultural dos estudos de tradução é apresentada em Snell-Hornby (2006).

<sup>4</sup> Os autores indicam entre chaves o ano da primeira edição, por acreditarem na importância da contextualização histórica dos estudos de tradução.

<sup>5</sup> “We believe that it would be a great disservice to translation were we summarily to range it among the arts – perhaps as the eighth art. If we did that, we would deny translation one of its intrinsic properties, namely its place within the framework of linguistics [...]”.

Salvo indicação contrária, todas as traduções de citações são de responsabilidade dos autores.

Com a aproximação entre tradução e estudos culturais, especialmente no âmbito das literaturas pós-colonialistas (BASSNETT; TRIVEDI, 1999), a fusão entre as línguas europeias e as línguas locais das ex-colônias passa a chamar a atenção dos estudiosos da tradução. No contexto da tradução de literaturas pós-colonialistas, os romances angloindianos fornecem um precioso material para a investigação dos problemas que as peculiaridades culturais expressas pelo texto fonte causam ao tradutor, que se vê diante de unidades de tradução para as quais a língua de tradução não possui correspondentes (HERRERO-RODES, 1998; PRASAD, 1999). Os estudos culturais e as abordagens pós-colonialistas têm motivado o estudo dos marcadores culturais, tema central deste artigo.

Os marcadores culturais, também conhecidos por *realia* (LEPPIHALME, 2011), são “[...] termos ou expressões que se referem a elementos ou conceitos que estão estreitamente relacionados a uma determinada língua e cultura [...]” (PALUMBO, 2009, p. 33<sup>6</sup>). Esses termos, por designarem especificidades culturais, como, por exemplo, bebidas e comidas típicas, costumes locais, ou conceptualizações próprias de uma determinada cultura, como diferenças entre termos para designar cores ou membros da família, podem se constituir em problemas de tradução. No entanto, como bem aponta Herrero-Rodes (1998), os marcadores culturais podem ser definidos *a priori*, pois aquilo que é percebido como culturalmente marcado na tradução de um texto, em um determinado par de línguas/culturas, nem sempre será identificado como um marcador cultural em todas as línguas/culturas.

Os desafios que esses termos impõem à tradução, tanto de textos literários quanto de textos especializados, têm sido alvo de diversos estudos. Corrêa (2003) estudou as modalidades tradutórias empregadas na tradução de marcadores culturais relacionados à culinária na obra de Jorge Amado. Azenha Jr. (2006) aponta para a necessidade da ampliação do conceito de marca cultural a partir da linguística textual, com vistas ao ensino de tradução. As implicações da tradução de *cachaça*, em textos literários, são analisadas em Rebechi (2012), e as dificuldades de se estabelecer um equivalente de tradução apropriado para *farinha de milho*, na tradução para o inglês de receitas culinárias brasileiras, são analisadas em Rebechi (2015). Os marcadores culturais também têm despertado o interesse de estudiosos da legendagem, como Pedersen (2007).

Este trabalho aborda os marcadores culturais *casa-grande e senzala*, presentes na obra *Casa-grande & senzala* (FREYRE, 1998 [1933]), em sua tradução para o italiano (FREYRE, 1965), de Alberto Pescetto. Os resultados aqui apresentados são parte do projeto *A*

---

<sup>6</sup> “[...] terms or expressions referring to elements or concepts that are closely associated with a certain language and culture [...]”.

*(In)traduzibilidade dos Marcadores Culturais e a Recategorização da Cultura do Outro pela Tradução* (BERTOLDI, 2015), cujo objeto é analisar como marcadores culturais presentes na obra *Casa-grande & senzala* são traduzidos para o inglês (FREYRE, 1986 [1946]) e o italiano (FREYRE, 1965). Neste artigo, por uma delimitação de espaço, abordar-se-ão apenas os dados do *corpus* em italiano. Uma primeira apreciação dos resultados observados na tradução da obra para a língua inglesa é apresentada em Bertoldi (2016).

A partir da digitalização das obras, foi possível utilizar a Linguística de *Corpus* como metodologia de pesquisa. As concordâncias em que os itens lexicais *casa-grande* e *senzala* apareceram no *corpus* em português foram alinhadas com os trechos correspondentes à sua tradução. Ao abordar a tradução dos marcadores culturais, este trabalho discute a natureza cultural dos problemas de tradução. Seguindo Hurtado-Albir (2011), pode-se dizer que os marcadores culturais representam um problema de tradução relacionado a fatores extralinguísticos, pois, como se discute neste trabalho, não se trata de uma dificuldade em identificar um item lexical equivalente na língua-alvo, mas de encontrar uma categoria correspondente.

Assim, para tratar dos problemas de tradução desses termos culturalmente marcados, o presente artigo foi organizado conforme segue. A seção 2 contextualiza o estudo dos marcadores culturais, desde as primeiras propostas baseadas na tradução da Bíblia até os avanços feitos pelos estudos pós-colonialistas. A seção 3 discute a relação entre os marcadores culturais e os problemas de tradução. Na seção 4, os problemas de tradução são relacionados às estratégias de tradução, fundamentando as explicações a serem apresentadas na seção 6. A seção 5 apresenta a metodologia utilizada para a geração dos dados analisados neste trabalho. Na seção 6, as opções de tradução para *casa-grande* e *senzala* são analisadas, apontando-se a relação entre as estratégias adotadas pelo tradutor e a falta de correspondência conceitual na cultura-alvo para as categorias representadas pelos termos em análise. A seção 7 encerra este trabalho, discutindo a relação entre texto especializado e terminologia, no caso da obra em estudo, e os limites que o conceito de texto especializado impõe para textos das áreas humanas, como *Casa-grande & senzala*.

## **2 Os marcadores culturais: problema de tradução e estratégias**

Os marcadores culturais têm recebido diferentes denominações: *traços culturais* (NIDA, 1964), *termos culturais* (NEWMARK, 1982), *palavras culturais* (NEWMARK, 1988),

*referências culturais* (MAYORAL, 1994), *elementos culturais específicos* (FRANCO ALEIXÁ, 1996), *marcadores culturais* (HERRERO RODES, 1998) e *realia* (LEPPIHALME, 2011). Apesar das diferentes denominações, todos os estudiosos acima apontados tratam de elementos linguísticos, cuja significação é culturalmente delimitada, representando, portanto, um problema de tradução que pode causar dificuldades para o tradutor.

Os termos culturalmente marcados têm despertado o interesse de estudiosos da área já há um longo tempo. Esse interesse explica-se pelo problema que esses termos apresentam para o tradutor: ressignificar, por meio de uma língua-alvo, um conceito cognitivamente compartilhado por membros de uma determinada cultura e falantes de uma determinada língua, em um texto direcionado a membros de outra cultura, falantes de outra língua, e que não compartilham com os membros da cultura-fonte aquele conceito culturalmente ancorado. Eugene A. Nida, ao conduzir um projeto multilíngue de tradução da Bíblia, pôde constatar como termos comuns para a maioria das culturas ocidentais, como *pão* ou *vinho*, por exemplo, adquiriam forte conotação cultural em comunidades que desconheciam esses alimentos. Aos problemas de tradução causados por marcadores culturais, Nida (1945) atribuiu a categoria chamada *problemas de equivalência cultural*.

Catford (1978 [1965]), com sua orientação linguística dos fenômenos da tradução, especialmente a partir da noção de *equivalência*, também abordou os marcadores culturais, ao diferenciar o que chamou de *intraduzibilidade linguística* e *intraduzibilidade cultural*. A intraduzibilidade linguística era atribuída à não correspondência formal entre línguas. Um exemplo de intraduzibilidade linguística é o morfema *s*, que, em inglês, marca tanto o plural dos substantivos como a terceira pessoa do singular do verbo no presente; enquanto, no português, indica o plural de substantivos e adjetivos. A intraduzibilidade cultural era atribuída à falta de correspondência entre conceitos. Um exemplo desse tipo de intraduzibilidade apontado por Catford (1978 [1965]) é a falta de equivalência entre o item lexical finlandês *sauna* e o item lexical inglês *bathroom*. Mesmo que um tradutor utilize *bathroom* como equivalente de tradução de *sauna*, o item lexical inglês não expressaria as funções sociais e a estrutura física de uma *sauna* finlandesa.

O termo *realia* também designa termos culturalmente marcados, mas, segundo Leppihalme (2011), esse termo é utilizado para designar conceitos que existem apenas em uma cultura-fonte, mas não na cultura-alvo da tradução. No entanto, como bem aponta Leppihalme (2011), conceitos próprios de uma determinada cultura podem ultrapassar fronteiras linguísticas e culturais, por meio de empréstimos divulgados por grandes meios de comunicação. Como exemplos de conceitos próprios de outras culturas introduzidos no Brasil

por meio de noticiários, pode-se citar *tsunami* e *apartheid*. Leppihalme (2011) ainda aponta que esses termos, uma vez introduzidos como empréstimos em uma língua-alvo, deixam de ser um conceito inexistente na cultura dessa língua, ou seja, não podem mais ser considerados *realia*; mesmo assim, ainda são conceitos característicos de uma determinada cultura-fonte.

Os marcadores culturais não existem *a priori*. Conforme Franco-Aleixá (1996), eles surgem de um conflito entre uma referência cultural linguisticamente representada no texto-fonte e uma língua-alvo cuja cultura não possui um conceito correspondente, configurando, assim, um problema de tradução. Leppihalme (2011) enfatiza que, quanto maiores as diferenças entre a cultura-alvo e a cultura-fonte, maiores podem ser os problemas enfrentados pelos tradutores: “como todos os textos estão ancorados em suas culturas, os itens culturalmente marcados no texto-fonte podem apresentar problemas para o tradutor, especialmente se houver diferenças significativas entre a cultura-fonte e a cultura-alvo”. (LEPPIHALME, 2011, p. 126).

Algumas propostas de classificação dos marcadores culturais já foram traçadas por estudiosos da tradução. Nida (1945), em seu trabalho de tradução da Bíblia para línguas não indo-europeias, já havia notado os problemas de tradução gerados por palavras que denotam conceitos desconhecidos em uma dada comunidade linguística: “[...] quando se está traduzindo a Bíblia para algumas línguas aborígenes, os problemas de equivalência cultural são ainda mais evidentes do que quando se está traduzindo um produto literário de nossa própria cultura.” (1945, p. 195).<sup>7</sup> Nida (1945) dividiu os problemas de tradução causados pelos marcadores culturais em cinco categorias: *ecologia*, *cultura material*, *cultura social*, *cultura religiosa* e *cultura linguística*. Por outro lado, Nedergaard-Larsen (1993), ao estudar a legendagem de filme em língua francesa para o dinamarquês, sugere que os problemas de tradução causados por elementos linguísticos culturalmente marcados estejam relacionados à geografia, à história, à sociedade e à cultura. Apesar de ambas as propostas apresentarem uma classificação diversa para os problemas de tradução causados pelos marcadores culturais, percebe-se que determinados termos, como nomes de regiões, práticas religiosas, fatos históricos e alimentos podem ser muito típicos de uma determinada comunidade, causando

---

<sup>7</sup> “[...] when one is translating the Bible into some aboriginal language, the problems of cultural equivalence are far more evident than if one were translating a literary product of our own culture.”

Não serão feitas aqui críticas à visão eurocêntrica de tradução de Eugene A. Nida, bem como não serão discutidos os conceitos de *aborígene* ou de *cultura*. No entanto, os autores acham produtivo abordar alguns exemplos apontados por Nida (1945), ao discutir como palavras, *a priori*, compreendidas por boa parte dos falantes de línguas europeias, como *montanha* ou *deserto*, adquirem uma conotação altamente cultural ao traduzir-se um texto como a Bíblia para algumas culturas indígenas americanas, que não conhecem desertos nem montanhas.

problemas de tradução. Esses problemas não significam, necessariamente, a não tradução do termo, como se aborda neste trabalho.

Apesar de os marcadores culturais, ou os *realia*, causarem problemas de tradução, como bem aponta Leppihalme (2011), esses termos não são necessariamente intraduzíveis, visto que os tradutores, quando confrontados com um problema de tradução, não traduzem itens lexicais individuais. Essa posição vai de encontro à noção de intraduzibilidade causada por falta de *equivalência cultural* (CATFORD, 1978 [1965]). Leppihalme (2001, *apud* LEPPihalme, 2011, p. 129) apresenta sete estratégias de tradução dos *realia*. As estratégias identificadas incluem: a) a *transferência direta*: quando uma palavra do texto-fonte é utilizada como um empréstimo no texto-alvo, podendo incluir o uso de itálico para marcar a origem estrangeira da palavra; b) o *calque* ou *decalque*: quando o item do texto-alvo é traduzido palavra a palavra, resultando em um neologismo na língua-alvo; c) a *adaptação cultural*: quando um termo análogo é utilizado para substituir a referência cultural, especialmente em tradução de obras direcionadas ao público infantil ou de textos com alguma sensibilidade contextual; d) a *substituição por um termo superordenado*: quando um termo culturalmente marcado é substituído por uma referência mais geral, culturalmente não marcada; e) a *explicitação*: quando alguma glosa é acrescida ao texto, explicando o significado do marcador cultural; f) a *adição de elementos paratextuais*: quando notas explicativas ou glossários são incluídos no texto; por último, g) a *omissão*: quando a referência cultural é simplesmente apagada do texto.

Franco-Ailexá (1996, p. 61-64) também apresenta uma proposta de classificação para as estratégias de tradução de termos culturalmente marcados. Essas estratégias são divididas em dois grupos, *conservação* e *substituição*, conforme o nível de manipulação dos marcadores culturais. Dentre as técnicas de conservação, estão: a) a *repetição*: quando o termo é mantido como no texto-fonte, ou seja, ocorre uma transferência direta, nos termos de Leppihalme (2001); b) a *adaptação ortográfica*: quando envolve casos de transliteração entre alfabetos diversos, ou ajustes ortográficos de nomes próprios; c) a *tradução linguística (não cultural)*: quando o termo é traduzido por meio de um calque; d) a *glosa extratextual*: quando o tradutor apresenta uma explicação na forma de nota ou de glossário, ou seja, um caso de adição de elementos paratextuais, nos termos de Leppihalme (2001); e e) a *glosa intratextual*: quando o tradutor apresenta uma explicação para o significado do marcador cultural no próprio texto, em geral separada por vírgula do termo explicado, ou seja, um caso de explicitação, segundo a terminologia proposta por Leppihalme (2001).

Dentre as estratégias de substituição, Franco-Ailexá (1996) traz: a) a *sinonímia*: quando o tradutor, por meio de uma rede de referências internas ao texto, substitui uma repetição do marcador cultural por um sinônimo; b) a *universalização limitada*: trata-se de uma autêntica estratégia de tradução domesticadora (VENUTI, 1998), quando uma referência cultural da cultura-fonte é substituída por uma referência cultural da cultura-alvo; c) a *universalização absoluta*: quando o marcador cultural é substituído por um termo mais geral, estratégia que Leppihalme (2001) classifica como substituição por um termo superordenado; d) a *naturalização*: técnica pouco clara em Franco-Ailexá (1996) e muito semelhante à universalização limitada – trata-se também de estratégia domesticadora, uma vez que uma referência cultural da cultura-fonte é substituída por outra referência cultural, mas da cultura-alvo –; e) o *apagamento*: quando o marcador é omitido; e f) a *criação autônoma*: quando o tradutor insere uma referência cultural da cultura-alvo no texto traduzido.

Por meio das estratégias apontadas por Leppihalme (2001) e Franco-Ailexá (1996), pode-se constatar que há diferentes técnicas para se traduzir os marcadores culturais, algumas mais estrangeirizantes (VENUTI, 1998), outras mais domesticadoras. Nas seções seguintes, passa-se a abordar a obra em estudo, *Casa-grande & senzala*, e dois marcadores culturais muito frequentes nesse texto: *casa-grande* e *senzala*. Por se tratarem de dois termos ligados à forma de colonização do território brasileiro, estando, portanto, ligados à história do Brasil, eles se configuram como marcadores culturais. A partir do estudo de *corpus*, busca-se elencar as estratégias de tradução adotadas e, assim, analisar de que forma esses termos culturalmente marcados podem constituir um problema de tradução.

## **5 Os marcadores culturais em *Casa-grande & Senzala***

*Casa-grande & senzala* teve a sua primeira publicação em 1933 e, desde então, tornou-se, sem sombra de dúvidas, um dos textos sociológicos brasileiros mais divulgados no exterior. Recebeu tradução para diversas línguas, incluindo o inglês, o francês, o espanhol, o italiano, o romeno, o húngaro e o polonês, além de contar com uma versão em quadrinhos. Essa obra, talvez a mais lida e conhecida de Gilberto Freyre, tem sido objeto de estudo tanto da tradução (CHEROBIN, 2015) quanto da literatura (ALVES, 2004). Neste trabalho, aborda-se mais especificamente o problema representado para a tradução pelos marcadores culturais, abundantes na obra em estudo.

### **1.1 Metodologia**

Nesta subseção, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados para a geração dos dados da pesquisa. É importante salientar que esses dados são apenas uma parte dos resultados já obtidos a partir do projeto *A (In)traduzibilidade dos Marcadores Culturais e a Recategorização da Cultura do Outro pela Tradução* (BERTOLDI, 2015). Nesse projeto, busca-se analisar como os marcadores culturais são tratados na tradução de *Casa-grande & senzala* nas línguas inglesa e italiana. Assim, a metodologia aqui descrita não foi empregada somente neste trabalho, mas trata-se da metodologia empregada no contexto do projeto supracitado. Portanto, os mesmos procedimentos adotados para a geração dos dados em língua italiana foram seguidos para a geração dos dados em língua inglesa. A pesquisa seguiu a direção texto-fonte para texto-alvo, respeitando as etapas metodológicas seguintes:

1. Compilação do *corpus*: digitalização da obra *Casa-grande & senzala* e sua tradução para o italiano *Padroni e schiavi*, utilizando a tecnologia OCR (Optical Character Recognition) para transformar as imagens digitalizadas em documento de texto;

2. Identificação dos marcadores culturais: processamento do texto em português por meio do WordSmith Tools (SCOTT, 2008), criação de lista de palavras e identificação dos marcadores culturais presentes nessa lista;

3. Agrupamento dos marcadores por campos semânticos: agrupamento dos marcadores culturais por campos semânticos, como *ocupação, construção e espiritualidade*;

4. Criação de fichas catalográficas: criação de fichas catalográficas segundo os campos semânticos identificados na etapa anterior, para a organização dos termos selecionados e alinhamento das linhas de concordância em português, inglês e italiano;

5. Alinhamento das linhas de concordância: busca, no *corpus* em português, pelas linhas de concordância em que os marcadores culturais aparecem; identificação, nos *corpora* em inglês e italiano, das linhas de concordância correspondentes e, por fim, alinhamento das linhas de concordância em português com os contextos correspondentes em inglês e italiano.

Uma vez que os marcadores culturais foram organizados em fichas catalográficas e que as linhas de concordância, para cada marcador cultural, foram coletadas nos *corpora* e alinhadas, em português, inglês e italiano, na ficha catalográfica, foi possível iniciar a investigação acerca dos problemas de tradução relacionados a esses itens lexicais. A seguir, discutem-se alguns dos dados observados a partir da análise do *corpus* em língua italiana. Por uma questão de limitação de espaço, optou-se por delinear dois marcadores culturais de fundamental importância para a obra em questão; são eles: *casa-grande* e *senzala*.

## 1.2 *Discussão dos dados*

Os dois marcadores culturais abordados neste trabalho, *casa-grande* e *senzala*, são de fundamental importância para a compreensão de *Casa-grande & senzala*, de Gilberto Freyre. Além de comporem o nome da obra, *casa-grande* aparece 180 vezes ao longo dos cinco capítulos e do prefácio nos quais o texto se organiza; já *senzala* ocorre 76 vezes. Esses dois termos apresentam um desafio para o tradutor, que necessita traduzir um conceito historicamente delimitado e inexistente na cultura-alvo. Além do conceito especializado representado por esses dois termos, há também o uso metafórico, em que Gilberto Freyre se utiliza dos termos *casa-grande* e *senzala* para fazer referência a dois grupos: os moradores da casa-grande e os habitantes da senzala. O tradutor se depara, então, com o desafio de não apenas dar conta da tradução de um conceito especializado inexistente em italiano, mas também de decidir como tratar a metafóricidade da linguagem empregada pelo autor. Assim, observou-se, em primeiro lugar, como a tradução desses termos apareceu pela primeira vez no texto; em segundo lugar, compararam-se as linhas de concordância em português e italiano, para analisar a consistência de tradução (ROGERS, 2008) desses termos ao longo da obra.

A primeira ocorrência de *casa-grande*, no texto em português, dá-se logo no prefácio à primeira edição. Nessa primeira ocorrência do termo, o tradutor opta por traduzi-lo por meio de glosa intratextual, explicitando o significado do termo que não possui um item lexical equivalente em italiano: *grande casa padronale dele piantagioni*. A primeira ocorrência de *senzala* apresenta uma combinação de estratégias; a tradução é realizada, também, por meio de uma glosa intratextual, porém, nesse caso, o tradutor insere entre parênteses o termo em português: *dimora per gli schiavi (senzala)*. É interessante fazer notar que, no mesmo parágrafo em que aparece o termo *senzala*, aparece novamente *casa-grande*. Nessa segunda ocorrência de termo, o tradutor utiliza o mesmo procedimento dispensado à *senzala*, reduzindo, porém, a glosa explicativa: *casa padronale (casa-grande)*. Essa é a única vez em que o texto italiano faz uma transferência direta do termo *casa-grande*. A opção do tradutor, ao longo da tradução, é posição de contínua domesticação desse termo, como será abordado adiante – posição diferente da adotada diante do termo *senzala*, que apresenta uma alta frequência de transferências diretas, numa postura claramente estrangeirizadora.

É de suma importância frisar a organização da obra em italiano, em contraste com o texto-fonte. Enquanto que o prefácio à primeira edição vem à frente dos cinco capítulos que constituem o cerne da obra de Gilberto Freyre, no texto-alvo, o prefácio foi disposto ao final do livro, como apêndice. Assim, mesmo que o tradutor tenha realizado um trabalho cuidadoso

de traduzir os termos *casa-grande* e *senzala* por meio de uma glosa e incluir o termo da língua-fonte entre parênteses, essa estratégia de tradução pouco efeito surtiria, visto que o prefácio, o qual teria uma função de introdução à obra, encontra-se deslocado para a função de apêndice. No lugar do prefácio à primeira edição, o editor italiano opta por uma introdução de Fernand Braudel, importante historiador francês, membro do *Collège de France*, e por um novo prefácio de Gilberto Freyre à edição italiana.

Na introdução de Fernand Braudel, constam os termos *casa-grande* e *senzala*. Ao mencionar as senzalas brasileiras, Braudel, além de empregar o termo estrangeiro, introduz uma glosa intratextual para explicar o que seria uma senzala: “*senzalas*, le case vicine dei suoi schiavi”. Talvez, hoje, possa chocar a ideia de uma senzala poder ser considerada uma casa. Outro ponto que não pode passar despercebido, como será abordado ao longo desta análise, é a tendência de o termo *senzala* ser estrangeirizado, por meio da transferência direta, ao longo dessa tradução. O mesmo não acontece com o termo *casa-grande*, que vai aparecer apenas duas vezes como uma transferência direta; a primeira, conforme citado anteriormente, no prefácio à primeira edição, que, na edição italiana, é disposto como apêndice ao fim do livro; a segunda ocorre na introdução de Braudel: “*la casa grande*” – mesmo assim, o hífen, que seria a maior diferença entre o item lexical em português e em italiano, já não aparece na introdução de Braudel, restando apenas o itálico a indicar a origem estrangeira do termo. No prefácio de Gilberto Freyre à edição italiana, em lugar dos termos *casa-grande* e *senzala*, encontra-se o seguinte trecho: “*complesso della grande casa padronale e della dimora degli schiavi*”, que em português poderia ser traduzido por *complexo da casa grande dos patrões e do abrigo dos escravos*. A tradução para o italiano conta, assim como a tradução para o inglês, com um glossário. Somente *senzala* consta no glossário: “*Senzala*: abitazione degli schiavi: proviene da una parola bantú che significa dimora” – definição que, em português, poderia ser traduzida como *residência dos escravos: proveniente de uma palavra banto que significa alojamento*.

Até aqui, analisou-se apenas o paratexto, composto de introdução, prefácio à edição italiana, prefácio à primeira edição e glossário de termos. Cabe, ainda, analisar como os dois termos-chave da obra de Gilberto Freyre foram apresentados, pela primeira vez, no texto propriamente dito. Tanto *casa-grande* quanto *senzala* aparecem já no primeiro dos cinco capítulos de *Casa-grande & senzala*. Na primeira referência de Gilberto Freyre à *casa-grande*, o autor escreve: “[...] repousaria sobre a instituição da família escravocrata; da casa-grande; da família patriarcal [...]”. A tradução do trecho referido é a seguinte: “[...] riposò sull’istituzione della famiglia schiavista, della grande casa, dell’autorità patriarcale [...]”.

Como se pode observar, a estratégia de tradução adotada para a primeira menção ao termo no texto foi apenas um calque, sem nenhuma adição de algum elemento paratextual que explique ao leitor do que se trata a *grande casa*. A tradução para o italiano apaga totalmente a carga terminológica do item lexical em português, uma vez que o adjetivo, em italiano, é anteposto ao substantivo, podendo, assim, assumir simplesmente o significado de *casa grande*. Essa opção de tradução pode criar no leitor uma falsa impressão de que as casas-grandes dos engenhos e fazendas brasileiros seriam, de fato, grandiosas. Tal impressão poderia ser facilmente desconstruída ao analisarem-se as casas-grandes que ainda restam no Brasil.

O termo *senzala*, ao ser citado por Gilberto Freyre pela primeira vez no texto, foi empregado no contexto de uma citação de Alberto Rangel<sup>8</sup>: “Do Paraíba escreveu Alberto Rangel que pelo tempo do braço escravo foi ‘o rio paradisíaco, Eufrates das senzalas com Taubaté por metrópole’.” Percebe-se a metáfora *Eufrates das senzalas* como uma referência ao uso generalizado da mão de obra escrava nas fazendas cafeeiras do Vale do Paraíba. Esse trecho, em sua tradução para o italiano, é expresso da seguinte forma: “Alberto Rangel scrisse del Paraíba che, nei tempi della mano d'opera degli schiavi, fu «il fiume paradisiaco, l'Eufrate delle fattorie con Taubaté come capitale»”. Ao traduzir *Eufrates das senzalas* por *l'Eufrate delle fattorie*, ou seja, *o Eufrates das propriedades rurais*, o tradutor eliminou a referência à mão de obra escrava, uma vez que, em italiano, *fattoria* é simplesmente uma propriedade rural, tipicamente italiana, em geral, gerenciada por família. Diferentemente das fazendas e dos engenhos brasileiros do século XIX, as *fattorie* não empregavam mão de obra escrava. Percebe-se, então, uma adaptação cultural ao empregar o termo *fattorie*, em vez de *senzala*.

Após investigar a primeira ocorrência desses termos na obra de Gilberto Freyre e analisar a forma como foram introduzidos na tradução, cabe investigar como esses marcadores culturais, intimamente ligados ao sistema colonial de produção agrícola no Brasil, foram tratados pela tradução ao longo da edição italiana. O termo *casa-grande* é, sem dúvida, muito representativo no contexto de *Casa-grande & senzala*. São 180 ocorrências ao longo de cinco capítulos, além do prefácio à primeira edição. Quanto à tradução para o italiano, esse marcador cultural apresentou uma grande variedade, tanto nas estratégias utilizadas para a sua tradução, como nos itens lexicais selecionados pelo tradutor. A explicitação foi a técnica mais explorada, sendo empregada 115 vezes apenas na tradução deste marcador.

A explicitação, no caso de *casa-grande*, pode ser dividida em três grupos: explicação por meio de um termo mais genérico indicativo de habitação; explicação por meio de um

---

<sup>8</sup> Na obra de Gilberto Freyre, a citação de Alberto Rangel é retirada da obra *Rumos e Perspectivas* (RANGEL, Alberto. **Rumos e perspectivas**. S/E: Rio de Janeiro, 1914).

calque; e explicação por meio de uma adaptação cultural. No primeiro grupo, são encontrados exemplos como: *casa padronale* (casa dos patrões), *casa padronale della raffineria* (casa patronal da refinaria), *casa della raffineria* (casa da refinaria), *casa signorile* (casa nobre), *dimora rurale* (residência rural), *dimora signorile dela campagna* (residência de campo nobre), *grande dimora padronale* (grande residência dos patrões), ou ainda, *grande abitazione da piantagione* (grande habitação de plantação). No segundo grupo, são encontrados casos em que o tradutor, ao explicar o significado de *casa-grande*, utilizou-se de um calque, em vez de um termo genérico indicativo de habitação, como em: *grande casa padronale* (grande casa dos patrões), *grande casa della piantagione* (grande casa da plantação), *grande casa rurale* (grande casa rural), *grande casa della canna da zucchero* (grande casa da cana-de-açúcar). Por último, o tradutor, ao explicar o termo, recorre à cultura local, traçando uma comparação entre a casa-grande brasileira e a *villa italiana*<sup>9</sup>. São exemplos dessa adaptação cultural: *grande villa* (grande vila), *villa padronale* (vila dos patrões), *villa* (vila), *villa signorile* (vila nobre), ou ainda *grande villa padronale* (grande vila dos patrões). No caso da explicitação, chama a atenção que o termo culturalmente marcado é traduzido por meio de uma sintagmatização que inclui um item lexical referente à habitação e um adjetivo ou expressão preposicionada especificadora, ou ambos: *ville signorili e padronali* (vilas nobres dos patrões), *grande casa padronale della piantagione* (grande casa patronal da plantação), *grandi case rural, padronali, delle piantagioni, le ville* (grandes casas rurais, patronais, das plantações, as vilas).

A segunda estratégia mais empregada na tradução de *casa-grande* é o calque, com 31 ocorrências, com o adjetivo tanto antes como depois do substantivo – *casa grande* e *grande casa* –; e a terceira é a substituição por termo superordenado, com 12 ocorrências, incluindo os termos *casa* (casa), *proprietà* (propriedade) e *dimora* (residência). Os casos de calque e o emprego de termo superordenado apresentados aqui são diferentes dos exemplos de explicitação por meio de calque ou explicitação por emprego de termo superordenado, discutidos anteriormente. A explicitação se constitui em uma sintagmatização que busca explicar o significado do termo, enquanto o calque é uma tradução “palavra por palavra” do termo estrangeiro e o emprego de termo superordenado é apenas uma substituição de um termo por outro mais genérico.

Os demais casos incluem a omissão do termo culturalmente marcado (11 ocorrências), a transferência direta (1 ocorrência apenas), o emprego de um termo genérico, como *colonia*

---

<sup>9</sup> *Villa* é uma edificação tipicamente italiana. Trata-se de uma construção aristocrática e luxuosa, em geral, localizada no campo.

(colônia) e *vita dei padroni* (vida dos patrões) (4 ocorrências) e a tradução por relações metonímicas (11 ocorrências). A tradução por relações metonímicas não é comumente listada entre as estratégias de tradução de marcadores culturais. Esse procedimento envolve a substituição do termo culturalmente marcado por outro termo a ele relacionado por meio de uma relação de parte/todo. As relações metonímicas podem se dar em ambas as direções: da parte para o todo, ou do todo para a parte. Ambas as relações metonímicas são identificadas na tradução de *casa-grande*. Ao empregar expressões como *piantagione* (plantação), *fattoria o raffinaria di zucchero* (fazenda ou refinaria de açúcar) e *piantagione di zucchero* (plantação de açúcar) para traduzir o termo *casa-grande*, o tradutor está identificando a casa-grande como uma parte de um complexo maior: o engenho. Assim, também, quando o tradutor traduz *casa-grande* por *signori* (senhores), *padroni* (patrões) e *grandi proprietari di terre* (grandes proprietários de terra), ele está identificando uma relação metonímica entre a casa e o seu proprietário. Essa relação entre o todo (a casa-grande) e a parte (os senhores) fica clara ao se observarem os contextos extraídos do *corpus*: [...] *o vácuo enorme que lhe pareceu haver no Brasil entre os senhores das casas-grandes e os negros das senzalas*/ [...] *il vuoto enorme che gli sembrò esistere in Brasile fra padroni e schiavi*, ou então, [...] *os brancos das casas-grandes e os negros das senzalas*/ [...] *dai bianchi, grandi proprietari di terre, ai negri, loro schiavi*. Pode-se observar que os exemplos em português já apontam uma relação metonímica entre a casa e o habitante. O tradutor, ao perceber essa relação, optou por especificar apenas o morador. Essa técnica de tradução, baseada na substituição por um termo metonimicamente relacionado, será produtiva também para a tradução de *senzala*.

A tradução do marcador cultural *casa-grande* foi fortemente baseada em estratégias de tradução domesticadoras. Essas estratégias podem ser confirmadas pelas escolhas lexicais do tradutor, como *villa padronalle*, *villa signorile*, ou simplesmente *grande casa*. Esse movimento domesticador busca construir uma correspondência entre as realidades culturais brasileira e italiana, diminuindo o estranhamento do leitor perante uma realidade colonialista e escravocrata desconhecida pela cultura da língua em tradução. Com o marcador cultural *senzala*, identificou-se um padrão diverso. A estratégia de tradução mais produtiva foi a transferência direta, uma atitude claramente estrangeirizadora em que o termo estrangeiro é mantido em sua forma original, sem explicitação ou calque. Das 76 ocorrências de *senzala*, 23 ocorrências foram traduzidas por transferência direta. O segundo procedimento mais produtivo, no caso deste termo, foi a explicitação, também conhecida como *glosa intratextual* (FRANCO-AILEXÁ, 1996). Foram identificadas no texto 21 ocorrências de explicitação, descritas a seguir.

Os casos de explicitação do termo *senzala* são sintagmatizações que incluem, em geral, um termo genérico para indicar abrigo e uma expressão preposicionada para indicar os habitantes desse abrigo: *miserabili stamberghe/stamberghe degli schiavi* (*stamberghe* é palavra que indica um tipo de construção de pedra, de uma única peça, geralmente em mau estado de conservação), *dimore degli schavi/per gli schiavi* (habitação dos escravos/para os escravos), *abitazioni degli schiavi* (residência dos escravos), *case degli schiavi* (casa dos escravos), *dipendenze/dipendenze degli schiavi/per i negri* (dependências/dependências dos escravos/para os escravos), *reparto schiavi* (repartição dos escravos), *stabilimento degli schiavi* (estabelecimento dos escravos) e *capanne/capanna dela piantagione* (cabanas/cabana da plantação). Como se pode perceber pelos exemplos supracitados, a explicitação, devido à sua natureza explicativa, pode combinar outras técnicas tradutórias: a explicação por meio de um termo superordenado, como no caso de *dipendenze degli schiavi*, *stabilimento degli schiavi* ou *abitazioni degli schiavi*; a explicação por meio de uma adaptação cultural, buscando uma referência cultural semelhante na cultura-alvo àquela da cultura-fonte, como no caso de *stamberghe degli schiavi*; ou ainda a explicação por meio da naturalização, apagando-se as especificidades culturais do termo da cultura-fonte e substituindo-o por um item lexical corriqueiro da cultura-fonte, como no caso de *case degli schiavi* ou *capanne*.

Assim como aconteceu com o marcador cultural *casa-grande*, as relações metonímicas também foram empregadas na tradução de *senzala*, tanto na direção parte-todo, quanto na direção todo-parte. Em primeiro lugar, como exemplos de relações de substituição da parte pelo todo, tem-se a substituição do termo culturalmente marcado *senzala* por *fattorie* (propriedades rurais), *piantagioni* (plantações) e *raffinerie* (refinarias). Essa estratégia é empregada em 10 das 76 ocorrências do termo. Nesse caso, temos a substituição de *senzala*, que indica uma parte da propriedade rural colonial, por *fattoria* – um termo que indica o todo, no caso da língua italiana. É interessante observar a rede de sinonímia (FRANCO-AILEXÁ, 1996) entre os termos indicativos do todo: *fattoria*, *piantagioni* e *raffinerie* – ou seja, o tradutor, ao estabelecer relações metonímicas para solucionar os problemas de tradução de um marcador cultural, está também tecendo uma rede de sinonímia que evita a repetição exacerbada dos termos, especialmente no caso de uma obra extensa como *Casa-grande & senzala*. A tradução por relações metonímicas pode envolver outras técnicas de tradução, como a adaptação cultural. Ao traduzir *senzala* por *fattoria*, o tradutor está realizando uma adaptação cultural que cria uma relação de equivalência entre engenho, latifúndio brasileiro movido à mão de obra escrava, e *fattoria*, propriedade rural italiana, de pequeno ou médio porte, tradicionalmente gerenciada por um grupo familiar.

Em segundo lugar, como estratégia de tradução de *senzala*, tem-se a substituição do termo culturalmente marcado por seus habitantes: *schiaivi* (escravos), *negri* (negros), *schiaivi negri* (escravos negros) e *servi* (servos). Essa estratégia de tradução metonímica, assim como a abordada anteriormente, é empregada em 10 vezes das 76 ocorrências de *senzala*. A metonímia, nesse caso, foi empregada como uma estratégia para tradução de usos metafóricos de *senzala*, em que Gilberto Freyre, ao referir-se aos escravos, utiliza o termo *senzala*. Trata-se, em *Casa-grande & senzala*, de um uso metafórico construído por meio da metonímia no próprio texto-fonte. O tradutor desconstrói essas metáforas no texto em italiano.

Para finalizar, de 76 ocorrências de *senzala*, 11 vezes o termo foi omitido na tradução. Essa estratégia é empregada com mais frequência quando *senzala* é parte de uma sintagmatização que, por sua vez, é reconhecida e traduzida como uma única unidade de tradução; como exemplos, pode-se citar os seguintes trechos: *a negra da senzala/ la negra schiava*, *a negra da senzala/ la negra*, ou ainda *molequinhos da senzala/ piccoli mulatti*. O termo *senzala* também foi traduzido como *regime schiavista*, que não é um termo superordenado – mesmo assim, é um conceito mais abrangente que engloba, inclusive, os termos *casa-grande* e *senzala*.

## 7 Conclusão

Os dados observados evidenciam a complexidade da atividade de tradução, especialmente quando o tradutor necessita gerenciar diferenças culturais expressas no léxico da língua de uma determinada cultura. O processo de organização da produção colonial portuguesa no Brasil deixou suas marcas na história, na sociedade, na arquitetura e no léxico da língua portuguesa brasileira. Os problemas de tradução causados por termos como *casa-grande*, *engenho* e *senzala* revelam a incompatibilidade dos processos de cultivo da terra empregados na cultura da língua-fonte com os processos de cultivo da cultura-alvo. Os conceitos expressos pelos termos aqui analisados não possuem correspondentes na cultura da língua-alvo e, como a tradução necessita apresentar uma solução para essa falta de correspondência conceitual, esses casos podem trazer indícios significativos sobre os processos cognitivos que o tradutor realiza ao buscar uma relação de equivalência para termos culturalmente marcados.

Os termos analisados neste trabalho indicam que o tradutor lançou mão de diferentes estratégias de tradução para o estabelecimento de relações de equivalência para o mesmo

termo. Isso pode ser um indício do desafio que os marcadores culturais apresentam para a tradução, mas não se pode deixar de levar em consideração outro ponto marcante da obra de Gilberto Freyre: a linguagem artística do autor. A terminologia, conforme Rogers (2008), aborda a questão da consistência terminológica na tradução. No entanto, os trabalhos de consistência terminológica na tradução concentram-se em textos técnicos, como manuais de uso de equipamentos. Os textos de cunho humanista, mesmo que se constituindo em textos especializados em virtude de sua produção ser de autoria de um especialista para uma audiência específica, não podem ser tratados como manuais técnicos. Como observa Cabré (1993), a natureza dos textos especializados das áreas exatas apresenta características diversas dos textos especializados das áreas humanas. Assim, um questionamento que ainda permanece em aberto ao fim deste trabalho é o seguinte: o tom literário empregado pelo autor de *Casa-grande & senzala* pode ter influenciado o tradutor no momento de estabelecer relações de equivalência para os termos aqui estudados?

O que se pode perceber com este trabalho é que, como bem coloca Snell-Hornby (1988), tradução especializada e tradução literária não estão em polos opostos. Pode haver um contínuo entre a tradução especializada e a literária, dependendo do trabalho que o autor realiza com a língua. Mesmo especializado, um texto pode ser bonito e pode ser lido por prazer. Nesses casos, o tradutor usaria as mesmas estratégias de tradução que utilizaria para a tradução de um texto de cunho mais técnico, como um manual de uso de equipamentos de segurança, por exemplo? Essa pergunta foi suscitada a partir deste estudo. No entanto, ainda não se tem a resposta para tal questionamento.

Outra questão relevante a ser observada na conclusão deste trabalho é o impacto que o editor pode ter sobre o resultado final de uma tradução. Como Venuti (1995) bem aborda, o mercado editorial tem a capacidade de decidir quais obras serão traduzidas, determinando qual será a política de tradução de uma obra, e até mesmo propor novas seções para uma edição traduzida, como a introdução e o prefácio à edição italiana. Assim, mesmo que o tradutor observe a primeira ocorrência de um termo culturalmente marcado e procure suprir o leitor da informação necessária para entender aquele termo, se o editor decidir posteriormente mudar a disposição interna das seções de um livro, ou acrescentar novos elementos paratextuais, todo o trabalho do tradutor pode ser afetado.

Uma característica marcante da tradução de *Casa-grande & senzala* para o italiano é a domesticação (VENUTI, 1995, 1998) dos marcadores culturais. Esse fato permite uma constatação interessante: a forma de contornar o problema de tradução representado por termos culturalmente marcados parece ser, justamente, uma desconstrução dessa marca

cultural. Essa desconstrução cultural se dá por meio de uma adaptação cultural (LEPPIHALME, 2011) ou naturalização (FRANCO, 1996), que é a substituição das expressões linguísticas relacionadas à cultura da língua-fonte e a substituição referências locais. O autor, em um trabalho anterior (BERTOLDI, 2016), já argumentou que essas substituições podem ser indícios de processos cognitivos que o tradutor realiza na busca por relações de equivalência que supram a falta de correspondência entre as culturas da língua-fonte e da língua-alvo. No entanto, outra pergunta de pesquisa, que esteve fora do escopo deste trabalho, emerge aqui: até que ponto a domesticação dos marcadores culturais não descaracteriza a natureza antropológica de uma obra como *Casa-grande & senzala*? A pesquisa apresentada neste artigo não aplicou uma metodologia capaz de avaliar a recepção e a compreensão da tradução no público-alvo, mas seria interessante investigar como a domesticação impacta na compreensão do texto pela nova audiência, e como a domesticação dos marcadores culturais cria uma identidade cultural, possivelmente distorcida, para a cultura estrangeira.

## Referências

ALVES, Tatiana Batista. O lugar de *Casa-grande & senzala* nos estudos de literatura. **Revista de Letras**, v. 44, n.1, p. 123-138, 2004.

AZENHA JÚNIOR, João. Linguística Textual e redação: Redefinindo o conceito de "marca cultural". **Tradterm**, v. 12, p. 13-32, dec. 2006.

BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). **Post-colonial Translation and Practice**. London/New York: Routledge, 1999.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (Eds). **Translation, History and Culture**. London: Pinter, 1990.

BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André. (Eds). **Constructing Cultures: Essays on literary translation**. Clevedon: Multilingual Matters, 1998.

BERTOLDI, Anderson. Semântica de *Frames* e tradução: um estudo da equivalência de termos culturalmente marcados. **Letras & Letras**, v. 32, n. 1, p. 149-169, jan./jun. 2016.

BERTOLDI, Anderson. **A (In)traduzibilidade dos Marcadores Culturais e a Recategorização da Cultura do Outro pela Tradução**. Projeto de pesquisa. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antártida, 1993.

CATFORD, J. C. **A Linguistic Theory of Translation**. An Essay in Applied Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 1978 [1965].

CHEROBIN, Nicoletta. **(La) Casa Grande e (la) Senzala Brasileira tradotta in italiano: analisi para testuale di Padroni e Schiavi**. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

CORRÊA, Regina Helena Machado Aquino. A Tradução dos marcadores culturais extra-linguístico: Jorge Amado traduzido. **Tradterm**, v. 9, p. 93-137, dec. 2003.

FRANCO, Javier. **Condicionantes de traducción y su aplicación a los nombres propios (Inglês-Español)**. Tesis inédita. Universidad de Alicante, 1996.

FRANCO, Javier. Culture-specific Items in Translation. In: ÁLVAREZ, Roman; ÁFRICA, Carmen. **Translation, Power, Subversion**. Clevedon: Multilingual Matters, 1996, p. 52-78.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. 34. ed. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998 [1933].

FREYRE, G. **The Masters and the Slaves**. A Study in the Development of the Brazilian Civilization. Second English-language edition, revised. Berkeley/Los Angeles/London: The University of California Press, 1986 [1946].

FREYRE, Gilberto. **Padroni e schiavi**: la formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale. Tradutto per Alberto Pescetto. Torino: Guilio Einaudi, 1965.

HERRERO RODES, Leticia. Sobre la traducibilidad de los marcadores culturales. In: CHESTERMAN, Andrew; GALLARDO SAN SALVADOR, Natividad; GAMBIER, Yves (Eds.). **Translation in context**: selected contributions from the EST Congress. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998, p. 307-316.

HURTADO-ALBIR, Amparo. **Traducción y Traductología**. Introducción a la Traductología. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

LARSON, Mildred L. **Meaning-Based Translation**: A Guide to Cross-Language Equivalence. 2.ed. Lanham, Maryland: University Press of America, 1998 [1984].

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting, and the manipulation of Literary Fame**. London/New York: Routledge, 1992.

LEPPIHALME, Ritva. Realia. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 126-130

MAYORAL, Roberto. La explicitación de información en la traducción intercultural. In: HURTADO-ALBIR, Amparo (Ed.). **Estudis sobre la traducción**. Publicacions de la Universitat Jaume I, p. 73-96, 1994.

- MALMKJAER, Kirsten. Linguistics and Translation. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 61-68.
- MARINETTI, Cristina. Cultural approaches. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc. **Handbook of Translation Studies**. v. 2. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011, p. 26-30.
- NEDERGAARD-LARSEN, Birgit. Culture-bound problems in subtitling. **Perspectives: Studies in Translatology**, v. 1, n. 2, p. 207-240, 1993.
- NEWMARK, Peter. **Approaches to Translation**. London: Phoenix ELT, 1982.
- NEWMARK, Peter. **A Textbook of Translation**. London: Prentice Hall, 1988.
- NIDA, Eugene A. Linguistics and Ethnology in Translation-Problems. **Word**, v. 1, n. 2, p. 194-208, 1945.
- NIDA, Eugene A. **Toward a Science of Translating**. With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating. Leiden: E. J. Brill, 1964.
- NIDA, Eugene A.; TAUBER, Charles. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden: E. J. Brill, 1982 [1969].
- HERMANS, Theo (Ed.). **The Manipulation of Literature**: Studies in literary translation. New York: Routledge, 2014 [1985].
- PALUMBO, Giuseppe. **Key Terms in Translation Studies**. London/New York: Continuum, 2009.
- PEDERSEN, Jan. Cultural Interchangeability: The effects of substituting cultural references in subtitling. **Studies in Translatology**. v. 15, n. 1, 2007, p. 30 - 48.
- PRASAD, G. J. V. Writing Translation: The strange case of the Indian English novel. In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish (Eds.). **Post-colonial Translation and Practice**. London/New York: Routledge, 1999, p. 41-57.
- REBECHI, Rozane. ‘Cachaça’ na tradução de obras literárias brasileiras para a língua inglesa. **Tradterm**, v. 20, p. 95-110, dec. 2012.
- REBECHI, Rozane. A busca por equivalentes para termos culturalmente marcados: o caso da ‘farinha de milho’. In: VIANA, V.; TAGNIN, S. E. O. (Org.). **Corpora na tradução**. São Paulo: HUB Editorial, 2015, p. 75-103.
- ROGERS, Margaret. Consistency in terminological choice: Holy Grail or false Prophet. **SYNAPS - A Journal of Professional Communication**, v. 21, p. 107-113, 2008.
- SCOTT, M. **WordSmith Tools Version 5**. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.
- SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies**: New Paradigms or Shifting View Points. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: An Integrated Approach**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988.

SWANSON, J. W. Linguistic Relativity and Translation. **Philosophy and Phenomenological Research**. v. 22, n. 2, Dec., 1961, p. 185-192.

TYMOCZKO, Maria. **Enlarging Translation, Empowering Translators**. London/New York: Routledge, 2014 [2007].

VENUTI, Lawrence. **The Translator's invisibility: A history of translation**. London/New York: Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation: Towards an ethics of difference**. London/New York: Routledge, 1998.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English: A methodology for translation**. Translated and edited by Juan C. Sager and M.-J. Hamel. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995 [1958].